

Helon Coelho: uma maneira diferente de ver o mundo

Texto: Milanna Ambrósio

Imagens: Arquivo pessoal



Novembro de 2013. Início das aulas da sétima turma de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), campus Parintins. Alguns alunos sabiam que havia um colega com deficiência visual na classe, mas não conseguiam identificar quem era. Afinal, ninguém mostrara comportamento diferente das pessoas com visão “normal”. O aluno em questão era Helon Coelho, 20, que atualmente está no terceiro período do curso. Ele começou a perder a visão aos oito anos, mas, apesar do problema, as pessoas demoram a perceber que ele tem a deficiência.

Helon conta que alguns colegas comentavam sobre o caso, mas ele ficava quieto e a turma não notara a deficiência. Para a maioria da classe foi uma surpresa quando a professora Suzan Monteverde perguntou se a turma sabia que tinha um colega com deficiência visual. “Fiquei impressionada. Jamais imaginaria que ele tivesse alguma deficiência”, disse uma colega de classe. “Conhecia o Helon desde o ensino médio, estudávamos na mesma escola, mas em salas diferentes. Porém, só descobri que ele era deficiente na faculdade”, contou outra estudante da turma, ao conversar comigo sobre o colega.

Enquanto as conversas com as colegas foram realizadas sem dificuldades, a entrevista com Helon demorou a ser realizada. O universo parecia conspirar para eu não entrevistá-lo. Primeiro, um problema de saúde me impediu de agendar a entrevista. Em outra tentativa, marcamos de conversar na Ufam mesmo, uma hora antes da aula – que acontece à noite.

Cheguei no horário combinado e senti no saguão da universidade, aguardando ansiosa a chegada de Helon. Parte das luzes estava apagada e, devido à escuridão, mantive minha atenção

voltada à entrada do prédio, temendo que ele chegasse sem eu notar. Estudantes entravam a todo o momento. Alguns jantavam no restaurante universitário, enquanto outros seguiam para assistir às devidas aulas. Quando me dei conta, uma hora havia se passado. Cinco minutos depois, Helon chegou, pediu desculpas e se justificou: não pôde comparecer ao nosso encontro porque estava ocupado fazendo trabalhos acadêmicos. Isto só reforçou um dos traços da personalidade dele que descobri mais tarde: a dedicação aos estudos. Depois do ocorrido, marcamos na manhã seguinte, na casa dele e a conversa finalmente aconteceu.

Simpático, Helon me recebeu no portão da casa dele vestido com uma camiseta preta de uma banda de rock – como sempre o vejo na universidade. Helon é um garoto magro, altura mediana, com uma pequena franja nos cabelos negros. Ele me convidou para sentar na sala de entrada da casa para, enfim, iniciarmos a entrevista. Durante a conversa, ele me contou com voz calma e amigável situações que aconteceram na vida dele.

Problema

A deficiência de Helon é baixa visão e, atualmente, ele tem apenas 3% da vista. O problema é distrofia macular, um tipo de infecção atrás da retina dos olhos, explicou-me ele, tentando ser objetivo. Em jovens como Helon, o caso é raro, pois, geralmente, ocorre em pessoas com idade avançada.

Quando criança, ele notou que tinha algo de errado com a visão, mas não deu muita importância ao problema. Um ano depois, com a mãe, dona Jocenila da Silva, 50, procurou uma oftalmologista que não acreditava no garoto. A médica dizia que ele não tinha problema algum na visão, estava fazendo birra para a mãe, então, passou um par de óculos qualquer. A cada mês, o grau das lentes ia aumentando e o problema não resolvia. O uso de óculos cada vez fortes acabou agravando o problema, pois queimava a retina. Preocupada, a mãe resolveu levar o filho a outro médico, que a aconselhou a procurar tratamento em Manaus.

Aos 11 anos, Helon recebeu enfim o diagnóstico de distrofia na mácula ocular e, se não parasse de usar óculos, ficaria completamente cego. Pior: a doença é progressiva e não tem cura. Após a descoberta, a família buscou várias maneiras para tratá-lo, inclusive com medicamentos naturais, mas as tentativas foram em vão. Como o problema não é genético e geralmente atinge pessoas idosas, para o médico, a única explicação é o fato de Helon ter nascido em um parto complicado.

Superação

Durante a entrevista com Helon, a minha grande preocupação era o cuidado com as palavras. Por isso, ficava atenta para não fazer perguntas que pudessem soar insensíveis e gerar respostas óbvias. Mas ele acabou

respondendo muitas dúvidas minhas sem que eu precisasse perguntar – o que me deixou aliviada. Como é de se imaginar, não seria fácil para uma pessoa descobrir que estava perdendo a visão.

Ainda com pouca idade na ocasião, o estudante me contou que recebeu a notícia como um choque. “Foi uma descoberta difícil, pois eu era apenas uma criança e tinha que lidar com a ideia de perder a visão e me adaptar a uma nova realidade, em uma cidade onde, na época, não se falava em inclusão, acessibilidade”, afirma. Revoltada, Jocenila procurou a primeira médica onde levou o filho e discutiu com a mulher. Helon conta que soube deste fato há pouco tempo. Segundo ele, a médica foi embora de Parintins e o jovem acredita que o motivo foi o erro cometido por ela no caso dele.

Helon descreve que teve muita dificuldade para se adequar à nova realidade, sobretudo na escola. “Fiquei um ano sem estudar, para entender o que estava acontecendo. Tive que me adequar ao colégio, à metodologia dos professores”, conta. Além dos problemas com a adaptação, sofreu ainda com o preconceito dos colegas e professores, principalmente, porque as pessoas duvidavam dele. “Simplesmente não acreditavam que eu tinha uma deficiência e, quando acreditavam, não sabiam como me ajudar”.

Apesar dos problemas, o estudante afirma que sempre se dedicou à escola. Sem saber o que fazer, as pessoas o deixavam de lado, mas ele se esforçava para cumprir as tarefas escolares. Como não podia escrever, a alternativa que restava era ditar e pedir para algum colega anotar. Mesmo com as dificuldades, o jovem acredita que foi um bom aluno, pois entregava todos os trabalhos e tinha notas boas. A mãe o amparava fazendo leitura de livros, ajudando-o assim a aprender muitos conteúdos necessários para a formação escolar.

Na adolescência, a vida na escola foi marcada pela superação, mas também pelo preconceito. O estudante chegou a ser agredido verbal e fisicamente. Além de sofrer com apelidos, alguns colegas roubavam pertences dele ou colocavam obstáculos no caminho para atrapalhar a passagem e derrubá-lo. Também o trancaavam no banheiro. Por vezes, reuniam-se para bater nele fora da sala de aula. Como não queria que a mãe soubesse, ao chegar em casa com hematomas, mentia dizendo que havia se machucado de outra forma.

O preconceito também vinha de alguns professores que, muitas vezes, não acreditavam na capacidade do jovem e não sabiam lidar com o problema. Segundo Helon, alguns achavam que ele não era capaz de desenvolver os trabalhos e que ganhava nota por fazê-los com outros colegas. Ele conta que, por vezes, pensou em desistir, mas apenas uma professora o aconselhava a ser forte e seguir a caminhada.

Mas a adolescência também teve o lado >> prazeroso. “Para namorar, eu nunca fui deficiente”, dis-

“EM QUALQUER LUGAR ONDE HÁ UMA CERTA
DESINFORMAÇÃO, COM CERTEZA, VAI HAVER
PRECONCEITO”

se Helon, aos risos. Ele confessa que foi um adolescente namorador e “ficava” com várias meninas. Mais sério, hoje cultiva um relacionamento de quase dois anos.

Resposta

O fato de as pessoas não acreditarem na deficiência do jovem e duvidarem de sua capacidade sempre o perseguiu. Como resposta àqueles que o subestimavam, Helon passou em primeiro lugar no Processo Seletivo Contínuo (PSC), da Ufam, para o curso de Comunicação Social-Jornalismo. A seleção avalia os candidatos por meio de provas realizadas nos três anos do ensino médio e, ao final, as pontuações de cada ano são somadas. Depois disso, é feita a classificação geral e por curso. Dependendo da colocação e do número de vagas disponíveis, o estudante entra na universidade.

Helon sempre soube que ingressaria na universidade, mas não tinha certeza do curso que escolheria. O interesse pelo Jornalismo surgiu devido à influência de dois irmãos, que estão envolvidos na área: um como fotógrafo e outra que está se formando em Comunicação Social. O estudante conta que acompanhou desde o início a vida acadêmica da irmã. “Praticamente estudei junto com ela. Desde os primeiros períodos, ela lia os livros da faculdade junto comigo. Então eu já tinha contato com autores e obras do Jornalismo”.

Integração?

“Especial eu sou para a minha mamãe!”, Helon me contou, bem humorado, que esta era a resposta que dava, desde pequeno, quando os professores o tratavam como aluno “especial”. O estudante critica a forma como geralmente são tratadas as pessoas com deficiência. “Às vezes nos chamam de portadores de deficiência ou pessoas especiais. A pessoa não porta uma deficiência como porta uma carteira. São pessoas com deficiência. Eu sou um deficiente visual de baixa visão”.

Apesar de muito se falar em inclusão e acessibilidade hoje em dia, Helon afirma que acontece o inverso. “Não é a universidade que se adequa à sua deficiência, mas você que tem que se integrar, adaptar-se a ela, quando deveria acontecer o contrário”. Ele explica que isto acontece porque as pessoas têm deficiências diferentes e acessibilidade inclui pensar em formas de atender aos diferentes casos.

A Ufam iniciou, no final do ano passado, obras para mudar a estrutura do campus, visando a acessibilidade. Contudo, Helon acredita que as mudanças não são totalmente eficientes. “Estão instalando o piso tátil na universidade, mas se eu fosse me guiar por ele, eu me perderia, pois o piso existe somente na entrada e na passagem de um prédio para outro. Não existe no piso de cerâmica e no resto do campus. Mas vamos esperar a conclusão das obras para ver se vai atender realmente”.

Para chegar à sala de aula, que fica no segundo piso de um dos prédios, o jovem precisou aprender o trajeto. “Eu tenho que decorar o caminho, decorar cada objeto, cada pedrinha nele. Eu passo do laboratório de rádio e conto as salas até chegar a minha. Sempre fui assim. Gosto de fazer as coisas sozinho. Não gosto de dar trabalhos para os outros”.

A universidade disponibiliza ao estudante um computador e uma monitora: Mirna Monte Verde, 19, colega de classe, que auxilia Helon nas atividades acadêmicas. “Fazemos trabalhos de grupo ou em dupla juntos. Quando é individual, eu o ajudo a fazer e estudamos juntos para as provas. Quando é para escrever, ele

dita para mim e eu não posso falar nada (para interferir). Ele se expressa muito bem e aprende rápido”, conta. As provas são marcadas em horário diferente da aula, portanto, quando são aplicadas para o resto da turma, Helon não vai à universidade.

Nas aulas, o estudante enfrenta problemas quanto à metodologia adotada pelos professores. De acordo com ele, alguns não sabem lidar com o caso dele e, na maioria das vezes, as aulas são voltadas apenas para o resto da turma. Como não pode copiar o que está no quadro, Helon registra todas as aulas em um gravador, para estudar depois. Ele afirma que, quando os professores dão aulas valorizando a oralidade na explicação, facilita a compreensão. “Acessibilidade na universidade não deve ser só estrutural, mas também metodológica. E varia de um deficiente para outro. Quando algum professor escreve no quadro e não comenta o que está fazendo, a aula não está direcionada a mim”.

Uma das preocupações do jovem é quando chegarem disciplinas de fotografia e telejornalismo – que são obrigatórias –, ofertadas a partir do 4º período. Ao conversar com Emanuel Cardoso, professor de Introdução à Fotografia, Fotojornalismo e Telejornalismo do curso, questionei sobre a metodologia a ser trabalhada durante as aulas na turma de Helon. O professor confessou ter sido ‘pego de surpresa’ e disse que ainda não tem uma estratégia didática definida. “Não tinha atentado para isso e não preparei nada. Sinceramente não sei o que responder. Já vi um documentário sobre fotógrafos cegos. Então, imagino que terei que pesquisar situações correlacionadas e conhecer o nível de deficiência que ele tem para, a partir daí, saber como proceder”.

Já a professora Sue Anne Cursino, que atualmente ministra a disciplina Jornalismo Cultural na turma de Helon, revela que a situação é difícil para ela. “Acredito que também é complicado para os outros professores, pois não fizemos licenciatura. As minhas aulas são expositivas. A parte da oralidade é o método mais geral que uso”. Sue Anne conta que já tentou trabalhar com filmes e fotografia, mas sentiu receio ao desenvolver as atividades e desistiu. “Não me senti preparada. Parei de usar filmes porque não achei proveitoso para ele, até porque não eram dublados”. Além disso, a professora cobra o que tem nas apostilas e usa o método do seminário, pois percebe que Helon se insere de forma mais espontânea nas atividades orais, inclusive ao se manifestar nas exposições dela.

Helon inclusive me falou sobre a dificuldade que pode ter quando um (a) professor (a) passa um filme. “Se for dublado é mais fácil. Eu escuto e imagino as coisas. Mas, quando não é, complica”. Certa vez, presenciei a experiência dele com o cinema: participamos do mesmo minicurso, em um evento da universidade. Na ocasião, o filme era legendado e a irmã do estudante, que também estava presente, descrevia as cenas a ele. “Minha irmã ia me explicando um pouco, mas eu tomei mais como base a explicação do professor. Com ela, eu criava as imagens na minha mente e tinha uma ideia do que se tratava”, conta. Por falar em cinema, Helon me revela que adora o universo da ficção: filmes, seriados, quadrinhos.

Com os colegas de classe, a relação foi complicada no início, pois ninguém queria aceitá-lo. Novamente, alguns duvidavam que ele tivesse uma deficiência. “Alguns não me aceitavam nos grupos, pensavam que eu não poderia contribuir. Com o passar do tempo, viram que eu me dedicava e poderia ajudar dando boas ideias. Em seminários eu sempre explico bem”. De acordo com ele, hoje em dia, a classe está acostumada, mas ainda existem



PAIXÕES Helon divide o tempo entre as atividades acadêmicas e a dedicação à música, com aulas de violão e teclado

peças que o julgam sem conhecer. Durante a entrevista, pude comprovar que Helon se expressa muito bem e gosta de falar, ao contrário do que me disseram alguns colegas de turma dele, que o descreveram como “muito calado”.

Personalidade

Devido ao problema na visão, Helon tem mais afinidade com a oralidade. Por isso, a área que mais lhe chama a atenção dentro do Jornalismo é o rádio. O estudante tem como inspiração um amigo que se formou no curso, no ano de 2012: Elenilson Ramos, também deficiente visual. O jornalista trabalha em uma rádio da cidade e já fez vários convites de trabalho a Helon. “Ele brinca, diz que quer um substituto para ele. Eu tinha um pouco de receio por não ter prática na área, mas este ano, vou procurar ajudá-lo no programa dele na rádio”.

Como já disse, sempre vejo Helon na universidade usando camiseta preta, de alguma banda de rock. Quando questionado sobre a grande paixão da vida, ele responde sem hesitar: a música. O jovem conta que pretende entrar em faculdade de música um dia. Já chegou a fazer alguns cursos na cidade e sabe tocar violão e teclado. Nas horas vagas, o que ele faz é se dedicar a esta paixão. Pelo estilo musical que gosta (rock e heavy metal) e o jeito de se vestir, Helon se denomina headbanger – nome dado aos fãs de heavy metal. Na adolescência, ele conta que, muitas vezes, foi confundido como emo. “Sofri preconceito também

porque me chamavam de emo, mas eu nunca fui emo. Tive franja no cabelo muito antes de surgir essa denominação”, diz cheio de humor.

A história de vida de Helon, as batalhas e conquistas delas são inspiradoras. Naquela manhã, após a conversa, descobri também nele um lado poético e filosófico. Percebo isso quando ele fala de seu gosto pela música ou ao comentar que o fato de ter adquirido a deficiência o ajudou a ser uma pessoa melhor. “Descobri um mundo diferente depois da deficiência. Eu não posso ver as pessoas, mas eu consigo enxergar aquilo que elas têm dentro delas. Apesar de não ver a aparência física delas, percebo se há maldade ou não, a partir da maneira como me tratam”. Além disso, conta que, por vezes, foi a escola falar suas experiências de vida e sempre procurou incentivar as pessoas a lutarem por seus objetivos. “Tem que correr atrás do que quer, porque ninguém consegue nada ficando em casa, acreditando que não pode fazer nada”. O jovem acredita que uma das maiores virtudes que uma pessoa com deficiência pode ter é a autonomia.

Tantos episódios de preconceito e discriminação fazem Helon refletir, já ao fim da entrevista. “Acho que a dificuldade maior não é ser deficiente e sim não aparentar, a princípio, ser deficiente. Quando se fala de deficiente visual, já imaginam alguém com óculos escuros, bengala, sempre precisando de ajuda. Ninguém imagina que um garoto meio cabeludinho, vestido de preto, andando por aí é deficiente visual”. !